Prólogo

Uma irmã não é uma amiga. Quem é que consegue explicar a necessidade de olhar para a relação tão primordial e complexa de irmãs e reduzi-la a algo tão substituível, tão banal como a de amigas? Porém, este estatuto é usado repetidamente para conotar a mais elevada intimidade. *A minha mãe é a minha melhor amiga. O meu marido é o meu melhor amigo.* Não. A verdadeira irmandade, onde as suas unhas cresceram no mesmo ventre, onde saíram aos gritos para este mundo por canais de parto idênticos, não pode ser comparada a uma singela amizade. Não existe uma escolha, e muito menos um período furtivo para travarem conhecimento. Fazem parte uma da outra, desde o começo. É como comparar um cordão umbilical — duro, sinuoso, feio, contudo essencial — a uma pulseira da amizade de fios brilhantes. *Essa* é a diferença entre uma irmã e uma amiga.

Das irmãs Blue, Avery é a mais velha e também a líder. Já nasceu sábia e cansada do mundo. Aos quatro anos de idade, regressou ao apartamento dos pais no Upper West Side, depois de uma caminhada

a solo, vinda do jardim de infância, e declarando-se *demasiado cansada para continuar*. Mas continuou, sempre em frente. Avery ensinou todas as irmãs a nadar, a fazer amizade com os gatos da loja, fazendo-lhes cócegas debaixo do queixo, a baralhar cartas sem dobrar os cantos. Detesta a autoridade mas adora a organização. Tem uma memória fotográfica; no ensino secundário, invadiu os registos da escola e memorizou os números da Segurança Social da turma inteira, passando o resto do semestre a assustar os miúdos, referindo-se a eles pelos nove dígitos.

Terminou o secundário aos dezasseis anos e concluiu a licenciatura na Universidade de Columbia em três anos. Depois, aos vinte e um, fugiu para se juntar a uma «comunidade anárquica, sem hierarquia e orientada para o consenso», também conhecida como comuna, antes de viver por pouco tempo nas ruas de São Francisco, onde fumou e, eventualmente, consumiu heroína. Com o total desconhecimento da sua família, internou-se num centro de desintoxicação um ano mais tarde e tem-se mantido sóbria desde então. Depois disso, inscreveu-se na faculdade de Direito, onde finalmente deu bom uso à sua memória.

Dizem que não conhecemos os nossos princípios até que eles se tornem inconvenientes para nós, e Avery é a prova disso. Tem princípios profundos e é frequentemente incomodada. Poderia ter adquirido um gosto em ser poeta ou realizadora de documentários, mas é advogada. Agora com trinta e três anos, vive em Londres com a sua esposa, Chiti, uma terapeuta sete anos mais velha. Pagou todos os seus empréstimos estudantis e tem mobília de valor quase idêntico ao das suas propinas. Ainda não sabe, mas, dentro de algumas semanas, vai implodir a sua vida e casamento de uma forma que nunca pensou ser possível. Avery gostaria de ser sempre corajosa, mas também é vulnerável.

Dois anos após o seu nascimento, os pais de Avery tiveram Bonnie. Bonnie é calma e cheia de força de vontade. A sua comunicação baseia-se na linguagem corporal. Aos seis anos, já conseguia andar sobre as mãos. Aos dez, conseguia fazer malabarismos com cinco tangerinas de cada vez. Experimentou ballet e ginástica, mas nunca se enquadrou naquele bando de raparigas flexíveis e femininas. Quando tinha quinze anos, o pai comprou-lhe um par de luvas de boxe, depois de ela ter feito um buraco na parede do quarto, e foi assim que encontrou a

sua verdadeira paixão. A descoberta do boxe para Bonnie pode provavelmente ser comparada com o que outras pessoas sentiram quando descobriram o sexo. Então, é *disto* que as pessoas tanto falam.

Bonnie venera a disciplina. Depois de assistir em silêncio ao declínio adolescente da sua irmã mais velha, jurou nunca tocar numa gota de álcool. As suas drogas de eleição são o suor e a violência. Isto levou-a até aos Campeonatos Mundiais de Boxe Feminino da IBA, o mais alto nível de competição amadora neste desporto, a par dos Jogos Olímpicos, onde ganhou a prata na divisão de peso leve antes de se tornar profissional. Inesperadamente, tendo em conta o seu desporto de eleição, Bonnie consegue ser a mais meiga das suas irmãs. Consegue tirar o gelo da cuvete sem bater no balcão. Os bebés e os cães confiam nela instintivamente. É uma péssima mentirosa. Embora o seu corpo seja como uma porta de carvalho abobadada, a sua natureza é transparente como uma janela. Agora, com trinta e um anos de idade e no que deveria ser o auge da sua carreira, Bonnie abandonou Nova Iorque e o boxe após uma derrota devastadora no seu último combate. Fugiu para Venice Beach, Los Angeles, onde arranjou emprego como segurança de um bar.

A maioria das pessoas passa pela vida sem saber o que é ter uma vocação que requere sacrificar o prazer do momento pelo potencial de um sonho que pode não se realizar durante anos, ou nunca. Distingue-te dos outros, quer queiras quer não. Pode ser cansativo, solitário e punitivo, mas, se for realmente a tua vocação, não é uma escolha. Foi assim a relação de Bonnie com o boxe. E, mesmo assim, neste momento, é possível encontrá-la numa rua secundária qualquer de Venice, a recolher copos de cerveja vazios, a ajudar mulheres ébrias a entrar nas traseiras dos carros e a varrer beatas de cigarros, sem vestígio da guerreira anárquica de coração de ferro que foi treinada para ser.

Os seus pais queriam ter um filho, mas, depois de dois abortos espontâneos que se tornaram num tema proibido, tiveram Nicole, mais conhecida por Nicky. De todas as raparigas, Nicky era a *mais* feminina. Conseguia fazer uma bolha de sabão do tamanho da sua cabeça. Ouvia música pop para adolescentes até à idade adulta, com muito orgulho. O seu passatempo favorito em criança era a criação de lagartas até que

se tornassem borboletas, alimentando-as com pequenos pedaços de abóbora. Quando tinha dez anos, comprou o seu primeiro sutiã com aros, só para estar preparada. Quando acabou o secundário, já tivera cinco namorados. Gostava de escolher antecipadamente o vestuário da semana, incluindo roupa interior a combinar. Conseguia aplicar um delineador líquido num táxi em movimento sem esborratar os olhos. Nicky sempre foi popular entre os rapazes, mas tinha jeito para amizades femininas. Entrou para uma república na faculdade, o que se tornou um motivo pela qual as suas irmãs a gozavam impiedosamente, mas ela não se importava. As suas irmãs estavam muitas vezes ocupadas com as suas próprias carreiras e ela tinha imensas saudades delas, por isso criou uma família com as suas amigas.

Se Avery era sensata e Bonnie estoica, Nicky era sensível. Ela era uma feira popular de sentimentos que nunca tentava esconder. Às vezes era como o rodopio extasiante de um carrossel, outras vezes uma colisão de carrinhos de choque, e tantas outras o alvo imóvel à espera na banca de tiros. Nasceu para ser mãe, mas o seu corpo não partilhava desse sonho. Após anos de períodos agonizantes, foi-lhe diagnosticada endometriose aos vinte anos. Embora tenha morrido aos vinte e sete, não era um membro natural desse clube[1]; não era a vocalista de uma banda e não viveu particularmente depressa demais para morrer jovem. Se lhe tivessem perguntado, ela teria dito que viveu uma vida extraordinariamente comum como professora de inglês do secundário numa escola autónoma no Upper West Side, a dez quarteirões de onde cresceu. Se parecia uma existência mais pequena do que a das suas irmãs, ela nunca a viu dessa forma. Adorava os seus alunos e sonhava um dia ter uma família. Nada na sua vida pressagiava a sua morte, exceto o facto de estar a sofrer.

Um ano após o nascimento de Nicky, os seus pais tentaram uma última vez ter o tão desejado filho. E assim nasceu Lucky. Nascida em casa por engano, em apenas quinze minutos, Lucky não perdeu tempo a estabelecer o seu lugar na família. Não importa a idade que Lucky tenha, ela será sempre a bebé. Aliás, assim que Nicky conseguiu falar,

[1] Referência ao grupo de celebridades que faleceram aos vinte e sete anos, na sua maioria por causa de *overdose* ou suicídio. [*N.T.*]

proclamou rapidamente Lucky como *a minha bebé* e insistiu em andar com ela para todo o lado. Continuaram inseparáveis, mas Lucky não permaneceu pequena. Tem um metro e oitenta. Os seus pais tiveram quatro oportunidades para criar algo tão desejado por muitos: a beleza feminina. Com Lucky, conseguiram-no. Até os seus dentes, onde se destacam caninos invulgarmente afiados, dão ao seu sorriso uma qualidade selvagem e sensual. Recentemente, sem a aprovação da sua agência, cortou a maior parte do cabelo e pintou-o de branco. Agora, parece uma combinação de Barbie, Billy Idol e um husky siberiano. Lucky tornou-se modelo quando tinha catorze anos e trabalhou pelo mundo inteiro, o que é outra forma de dizer que tem estado sozinha pelo mundo inteiro.

Quando Lucky entra numa sala, é como uma enguia elétrica a escorregar para um aquário de peixes dourados. É perspicaz com uma timidez camuflada. Aprendeu a tocar guitarra de forma autodidata quando vivia em Tóquio e toca muito bem, mas é demasiado insegura para atuar em frente a um público. Continua a gostar de jogar jogos de vídeo e adora qualquer forma de escape. Neste momento, está a viver sozinha em Paris. Só neste ano, já disse as palavras *Preciso de uma bebida* cento e trinta e duas vezes. Mais vezes do que aquelas em que disse *Amo-te* durante toda a sua vida. No seu apartamento em Montmartre, tem as borboletas azuis emolduradas que Nicky lhe deu antes de morrer, penduradas por cima da cama. Contudo, dormir é uma atividade que lhe é rara. Lucky tem vinte e seis anos e está perdida. Um facto comum a todas as irmãs.

Mas isto é o que elas não sabem: Enquanto estiverem vivas, nunca será tarde demais para serem encontradas.

Capítulo Um

Lucky

Lucky estava atrasada. Um atraso irresponsável e irreversível, capaz de a fazer perder o emprego. Tinha uma prova para um desfile de alta-costura em Marais ao meio-dia, mas isso foi há dez minutos, e ela ainda estava a quilómetros de distância no metro. Passara a noite anterior numa festa da semana da moda, desfrutando do bar aberto (o único tipo de bar que Lucky apreciava), onde conhecera uns artistas de graffiti que estavam a trabalhar para uma empresa privada, mostrando-se ansiosos por recuperar a sua reputação de criativos à margem da sociedade. Ofereceram-se para a levar nas suas motas até a uma mansão abandonada, uma antiga casa de um diplomata na 16.º Arrondissement, que pretendiam grafitar. Lucky não estava particularmente interessada no conceito de desfigurar um edifício histórico com tinta, mas ficava sempre feliz com a possibilidade de adiar o fim de uma noite.

O edifício estava mais protegido do que o esperado, com câmaras de segurança e rodeado por uma vedação intimidante, pelo que preferiram pintar as persianas metálicas de uma tabacaria ali ao lado. Os artistas de

graffiti optaram por slogans anarquistas populares, usados nos protestos de 1968 — *It is forbidden to forbid!*[2] — enquanto Lucky optou por uma representação clássica de um pénis e testículos. Viram o sol nascer nos degraus do Palais de Tokyo enquanto bebiam garrafas de Veuve Clicquot cor-de-rosa que tinham roubado da festa, voltando depois para casa de Lucky para fumar um charro. Após uma previsível tentativa dos dois homens de iniciarem uma *ménage à trois*, Lucky sugeriu a sua não participação e que se comessem um ao outro, antes de desmaiar completamente vestida em cima da cama, acordando várias horas depois no seu apartamento vazio e, felizmente, sem ter sido roubada, com um lembrete animado da sua agente para lavar o cabelo antes da prova de hoje.

Era também o aniversário de um ano da morte de Nicky.

Enquanto o metro se aproximava, Lucky verificou o telemóvel e encontrou uma chamada perdida e uma mensagem de voz de Avery, que estava sem dúvida numa missão para a fazer «processar» os sentimentos sobre este dia, e um e-mail formal da mãe delas que prontamente ignorou. Sentia falta do metro de Nova Iorque, com a sua sujidade, falibilidade e falta de rede no telemóvel; o metro de Paris era de uma agressividade eficiente e totalmente acessível por telemóvel, mesmo no subsolo. Aqui, não havia lugar para esconderijos. Sem ouvir a mensagem de Avery, Lucky voltou a enfiar o telemóvel no bolso. Não vira nenhum membro da sua família desde o funeral de Nicky, há um ano. Naquela noite, um vento forte e quente soprou pela cidade; virou mesas de restaurantes e fez cair caixotes do lixo pelas avenidas, destruiu linhas elétricas e partiu ramos de árvores no Central Park. E espalhou Lucky e as suas irmãs por diferentes cantos do mundo, sem intenção de regressarem a casa.

Estava agora quinze minutos atrasada. Na pressa de sair, tinha esquecido os auscultadores, um descuido que lhe ia estragar o dia. Lucky normalmente não conseguia andar mais de um quarteirão sem os enfiar nos ouvidos, construindo um amortecedor musical entre si e o mundo. Mas ela tinha saído em tempo recorde, ajudada pelo facto de não ter tomado o seu pequeno-almoço habitual, um Marlboro Red e um ibuprofeno, e de ter saído de casa com a roupa com que tinha

[2] Em português: É proibido, proibir! [*N.T.*]

acordado. Sub-repticiamente, cheirou a t-shirt. Um cheiro a tabaco, um pouco de suor, mas, no geral, não muito mau.

— *Je voudrais te sentir*.

Os olhos de Lucky desviaram-se para um homem sentado à sua frente, que tinha acabado de falar. Tinha a cara tensa e faminta de uma presa, mas os seus olhos eram os de um predador. Nas suas mãos, uma grande garrafa de água Volvic sobre a virilha, apontando-a para ela. Estava a sorrir.

— O quê? — perguntou Lucky, embora não desejasse saber o que este homem tinha dito, quanto mais falar com ele.

— Ah! És americana!

Pronunciou-o de uma maneira tipicamente francesa — com ênfase no *cana*.

— Sim.

Lucky acenou com a cabeça e pegou novamente no telemóvel, tentando irradiar o desinteresse.

— Tu és linda — disse ele, inclinando-se na sua direção.

— Hum, obrigada.

Manteve os olhos colados ao telemóvel. Pensou em enviar uma mensagem para a agente a dizer que estava atrasada, mas decidiu não o fazer. Isso só iria tornar o atraso mais evidente. Era melhor aproveitar o conforto deste período de limbo enquanto podia, antes que alguém soubesse que ela estava outra vez a fazer asneira.

— E tão alta — continuou o homem.

Com umas calças Levi's vintage escuras e uma t-shirt preta, Lucky era, de facto, tão direita e comprida como um ponto de exclamação. Ela encurvou os ombros para a frente, para que ele pudesse ver menos dela, transformando-se num ponto de interrogação.

— *Mon dieu!* — exclamou suavemente para si próprio. — *T'es trop sexy.*

Devia levantar-se e ir embora. Devia dizer-lhe para se ir foder. Devia pegar na sua garrafa de água — o seu falo imaginário, grande, estúpido e azul — e esmagá-lo entre as mãos. Em vez disso, apontou para o seu telemóvel.

— Olhe, vou…

Ela franziu o sobrolho e apontou para o ecrã para indicar que estava a fazer uma chamada. Percorreu rapidamente os seus contactos. Mas a quem é que podia ligar? Na verdade, não queria falar com ninguém. Por hábito, procurou o nome de Nicky e carregou no botão de ligar. Todas faziam parte de um plano familiar de telemóvel pago por Avery; com esta chamada, ela percebeu que a irmã mais velha tinha decidido poupar-se à angústia de cancelar o número de Nicky, continuando simplesmente a pagar a sua parte. Lucky não sabia onde estava o telemóvel de Nicky, morto numa gaveta algures, mas estava grata por ainda ter isto. A voz da irmã encheu-lhe o ouvido.

Ligaste para o telemóvel da Nicky, deixa uma mensagem após o sinal. Diverte-te!

Estava a rir-se, consciente de estar a ser gravada. Ao fundo, Lucky conseguia ouvir-se a si própria, vários anos mais nova e alheia à perda que o seu futuro lhe reservava, a rir.

— Adoraria conhecer-te — insistiu o homem.

— Estou ao telemóvel — disse Lucky.

— Ah, *d'accord*. — O homem inclinou-se para trás, com as palmas das mãos abertas num gesto ridículo de galanteria. — Falamos depois.

Não era a primeira vez que telefonava à Nicky desde que ela morreu; a vontade de falar com a irmã e de lhe dizer como era a vida na sua ausência era constante. Telefonar-lhe era como ser uma perneta que, acreditando que ainda tem ambas as pernas, continua a tentar levantar-se.

— Olá, sou eu — começou Lucky ao ouvir o sinal. — Eu… Bem, só estou a ligar para dizer olá.

Olhou de relance para o homem, que nem tentou fingir que não a estava a ouvir.

— É a semana da moda aqui, por isso as coisas estão um pouco agitadas, como sempre, mas queria ligar-te porque… Hum, é um grande dia para ti, acho eu. Um ano! Nem quero acreditar. Por isso, sim, só queria ligar-te e dizer-te… Não para te dar os parabéns, obviamente. Não é, tipo, uma celebração estúpida. Mas queria que soubesses que estou a pensar em ti. Estou sempre a pensar em ti. E tenho saudades tuas. Obviamente.

Lucky clareou a garganta.

— Então é isso. Amo-te. — Lucky esperou para ver se sentiria alguma coisa, alguma mudança energética no cosmos que lhe permitisse saber que a irmã estava a ouvir. Nada. — Além disso, a Avery está irritante. Adeus.

Desligou o telemóvel e olhou pela janela. Estavam quase a chegar a Saint Paul, a sua paragem. Quando ela se começou a levantar, o homem tocou-lhe no braço. Ela saltou como se ele lhe tivesse tocado na pele com um fósforo aceso.

— Podes dar-me o teu número?

O metro abrandou na estação e Lucky tropeçou. Ele sorriu-lhe enquanto ela tentava equilibrar-se. Os seus dentes estavam manchados do tabaco.

— Tu és tão sexy — disse ele.

Lucky olhou para o homem que a observava com uma alegria possessiva, como se estivesse a escolher um bolo de uma vitrina. A garrafa de água ainda se projetava na sua direção a partir da virilha dele.

— Posso? — perguntou Lucky, apontando para a garrafa. O metro parou.

— A garrafa? — pergunta-lhe, perplexo. Entregou-lhe o tubo de plástico. — *Mais bien sûr.*

Ela tirou-lhe a garrafa das mãos, desenroscou a tampa e deitou-lhe o resto da água no colo. O homem levantou-se a gritar e uma mancha escura espalhou-se pelas suas calças de ganga. Lucky dirigiu-se para a saída e puxou a alavanca prateada, aquele curioso objeto exclusivo do metro de Paris, e as portas da carruagem abriram-se. Da plataforma, ela conseguia ouvi-lo a chamar-lhe cabra enquanto os passageiros entravam na carruagem. Subiu as escadas, duas de cada vez, e saiu em direção à luz do sol.

Na Place des Vosges, os arcos de pedra abrem-se enquanto Lucky se dirige para a morada que a sua agente lhe enviou. Dois velhotes a fumar, com gabardinas cor de azeitona a condizer, viraram-se para a observar quando ela passava. Tocou à campainha e atravessou a porta de madeira azul que dava para o pátio. Na outra extremidade, havia uma escada alta em espiral; as suas botas pesadas ressoavam nas paredes de pedra enquanto ela subia cada andar, parando pelos patamares

para recuperar o fôlego. O hábito de fumar um maço por dia, iniciado quando era adolescente, tinha-a deixado pouco apta para este tipo de atividade. Finalmente, arrastou-se pelo corrimão até ao topo. Uma mulher com o cabelo escuro apanhado num carrapito e uma fita métrica à volta do pescoço estava à sua espera na entrada.

— Estou atrasada, eu sei — ofegou Lucky. — *Je suis désolée.*

— E tu és? — perguntou a mulher com uma voz aguda.

— Lucky… — suspirou. — Blue.

— Lu-qui? — a mulher repetiu, olhando para a sua prancheta. Atrás dela, Lucky conseguia ouvir o zumbido industrial de máquinas de costura. — Não estás atrasada. Na verdade, estás bastante adiantada. A tua prova é às duas.

Lucky colocou as mãos nos joelhos e expirou.

— Pensei que era ao meio-dia?

— Estás enganada. Por favor, regressa às duas. Ciao!

Com um baque autoritário, a porta fechou-se na sua cara. Lucky resistiu à vontade de cair ali mesmo e dormir à porta como um gato da vizinhança até chegar a sua vez. Lentamente, desceu as escadas.

Sem mais nada para fazer, Lucky vagueou pelas ruas ensolaradas de Marais à procura de um sítio para beber. A adrenalina da sua vingança com a garrafa de água Volvic e a consequente corrida para a prova estava a passar, revelando o início do que prometia ser uma ressaca brutal se ela não a cortasse pela raiz. Era início de julho e, apesar do tempo ameno, um ar de inquietação impregnava Paris naquele verão. Uma greve geral e o consequente congestionamento tinham enchido o ar com um nevoeiro pesado, e uma enxurrada de esfaqueamentos no metro e em bairros residenciais tinha levado a uma forte presença policial nas ruas. No entanto, Marais, com as suas boutiques, bares cheios e cafés movimentados, parecia estar alegremente afastado de tudo isso.

Lucky ouviu uma voz de mulher a chamar o seu nome do outro lado da rua e virou-se para ver a sua amiga Sabina, uma ruiva francesa e modelo cujo corpo já tinha sido descrito aos ouvidos de Lucky como sendo *uma estrada que nunca mais acaba*, sentada à porta de um café com dois modelos. Ela acenou a Lucky.

— Se não é a punk Pollyanna[3] — disse o homem mais alto, Cliff, quando ela se aproximava.

Cliff era um ex-surfista profissional australiano que gozava de alguma notoriedade nessa época por desfilar numa passerelle em Milão apenas com uma tanga dourada. Apesar disso, era impossível objetificá-lo; a força do seu ego não o permitiria. Isso, e o facto de saber que podia sempre deixar a moda e voltar à vida de surfista e viver na sua carrinha, significava que ele parecia completamente indiferente à sua atual escolha de carreira, ao contrário de Lucky, cuja beleza era uma fonte de rendimento e de vergonha. Lucky nunca tinha feito nada para além de ser modelo, o que a fazia sentir como se nunca tivesse feito nada. Ela não o admitia em voz alta, mas invejava a liberdade de Cliff.

— Ciao, Bolas Douradas — disse Lucky, tirando um cigarro do maço à frente dele e apertando-o entre os lábios. — Não te reconheci assim com tanta roupa.

O outro modelo, um americano com cara de bebé que ela não reconheceu, riu-se e inclinou-se para lhe acender o cigarro. A cor da sua pele era parecida com a de um golden retriever, que combinava com o desejo aparentemente irrefletido de agradar. Cada um dos homens tinha uma cerveja grande à sua frente, enquanto Sabina movia um pequeno copo de vinho branco por beber. Lucky fez sinal ao empregado e pediu uma cerveja antes de se sentar.

— Olá, chamo-me Riley — disse o homem mais novo.

— Preciso de uma bebida — disse Lucky e inclinou-se para trás para expor um pedaço pálido da barriga.

— Esta é a Lucky — disse Sabina. — *Ma soeur*.

Lucky reconheceu a informação com um vago aceno de cabeça. Sabina tinha a tendência de filha única de recrutar amigos como membros da família; na verdade, as duas não sabiam muito uma da outra para além das suas campanhas mais recentes e da bebida de eleição.

— Tu és americana! — disse Riley. Tinha um suave sotaque sulista que fazia com que cada vogal soasse como se estivesse embrulhada em algodão. — Tenho estado à espera de encontrar um americano hoje.

[3] Referência a *Pollyana*, um livro de Eleanor H. Porter, que tem como protagonista uma otimista jovem americana. [*N.T.*]

Levantou a sua cerveja.

— Feliz quatro de julho.

Lucky exalou fumo numa coluna estreita em direção ao céu.

— Não celebro isso — respondeu Lucky.

Este ano, no próximo ano, todos os anos para o resto da sua vida, o dia quatro seria apenas o dia em que Nicky morreu. Riley franziu o sobrolho.

— Mas tu és americana, certo? — perguntou-lhe.

— Nova Iorque — disse Lucky. — Por isso, sou pouco americana.

— Mas hoje vive em Paris — disse Sabina — o que significa que vai ter de celebrar o Dia da Bastilha.

— Quando é que isso acontece? — perguntou Cliff.

— Já na próxima semana — disse Sabina.

— Julho é *o* mês de recuperar o controlo da tirania — disse Cliff.

— Bem, eu já tenho saudades — disse Riley. — Eu nunca estive fora do país no quatro de julho. Os meus pais fazem sempre um grande churrasco.

— Lamento dizer-te — disse Sabina — mas os franceses não fazem churrascos.

Sabina pousou o copo.

— Não posso beber isto. Ainda me dói a cabeça de hoje de manhã. Porque é que insistem em servir champanhe antes do pequeno-almoço nos bastidores?

— Porque é a única coisa que vocês comem — disse Cliff. — Como é que se diz? Champanhe, cocaína e sexo casual, querida.

Sabina ignorou-o simplesmente. Olhou para o céu, que estava a ficar com um tom cinzento.

— Parece que vai chover, *non*?

— Ah, pá — disse Riley. — O meu próximo evento é ao ar livre.

— O meu também — disse Lucky.

— A minha primeira semana da moda e está a chover — disse Riley com tristeza.

Cliff começou a cantar o refrão de «Ironic» de Alanis Morissette com uma voz surpreendentemente afinada. *It's like raaaaain on your wedding day.*

— Isto é *haute couture* — disse Sabina. — *La crème de la crème.* Confia em mim, eles não vão deixar que tu te molhes.

— Por «tu» ela quer dizer as roupas — disse Lucky, depois voltou-se para Cliff. — De qualquer forma, o que é que estavas a dizer sobre as modelos? Não é que vocês, homens, sejam paradigmas de saúde e moderação.

Ela bateu no copo de cerveja quase vazio de Cliff.

— Nós sabemos controlar o consumo da nossa bebida, ao contrário de vocês. — Apontou-lhe um dedo. — Se não comes, não deves beber.

— Eu como — disse Lucky, pegando na cerveja que lhe tinha sido colocada à frente. — Para poder beber.

Cliff riu-se e pediu outra rodada.

— Tudo o que consegues fazer, eu faço melhor — cantou Cliff.

— Aposto que consigo aguentar-me melhor do que tu — desafiou Lucky.

Cliff levantou a sua bebida e bebeu o último gole.

— Vamos a isso então?

Uma hora mais tarde, Lucky já tinha bebido cinco copos e estava prestes a contar a história mais hilariante que alguma vez tinha contado. A tristeza da manhã que a tinha coberto como uma sujidade estava a ser lavada a cada nova rodada.

— Então, tinha dezanove anos e estava a viver em Tóquio nesse ano — começou a contar. — Era divertido, mas eu também estava a ser um pouco irresponsável, tipo, ficar fora até tarde, faltar a compromissos, basicamente tudo o que *não* se deve fazer quando se está a começar nesta área.

Aqui, Lucky apontou para o jovem Riley e ergueu uma sobrancelha em sinal de aviso.

— Isto parece-me um momento de ensino do tipo faz o que eu digo, não faças o que eu faço — disse Cliff. — Uma vez que tenho a certeza de que ainda fazes tudo isso, Lucky.

— Ei, não precisas de me ensinar — disse Riley. — Eu tenho vinte e três anos. Eu sei o que estou a fazer.

— Eu também! — exclamou Sabina. — De facto, há três anos que tenho vinte e três anos.

Lucky riu-se e bebeu mais um gole.

— A minha agência estava a ameaçar deixar-me, mas depois, sem mais nem menos, consegui uma campanha. Era para uma marca comercial foleira, mas mesmo assim, dinheiro, dinheiro, dinheiro. A minha agente telefonou-me e disse-me: «Lucky, se te atrasares um minuto para esta sessão, és despedida. Um minuto».

— Eu sei o que aconteceu — disse Riley. — Tu chegaste atrasada e eles despediram-te, mas mesmo assim acabaste por te tornar numa modelo famosa.

— Achas que ela é famosa? — Sabina bufou. — Mais famosa do que eu?

Riley olhou para uma e depois para outra.

— Não, quero dizer, s-sim — gaguejou Riley. — Quero dizer, não sei. Ambas são lindas.

— Ela está a brincar — disse Lucky.

— Não está, não — disse Cliff. — De qualquer forma, sou mais famoso do que elas.

Sabina torceu o nariz perante tal afirmação de Cliff.

— Nenhum de nós é famoso — disse Lucky. — De qualquer modo, voltemos à história. Na noite anterior à sessão fotográfica, deitei-me cedo, decidida a acordar a horas. Mas eu estava a viver num apartamento em Shibuya que era praticamente colado a um bordel. Por isso, estava deitada na cama, a tentar portar-me bem, quando um grupo de raparigas entrou e disse: «Há uma festa de inauguração em Harajuku, aquele ator todo bom que interpretou o astronauta ou cowboy no filme vencedor do Óscar do ano passado está lá, uma de nós tem de o comer, calça-te, vamos sair.» E, enfim, não tenho força de vontade, por isso fui, com a única intenção de beber apenas uma bebida.

Lucky fez uma pausa para beber o resto da cerveja, depois virou-se para fazer sinal ao empregado para trazer outra.

— Então, o que é que aconteceu? — perguntou Cliff. — Por favor, diz-me que foste despedida.

Lucky emitiu um arroto de satisfação e depois sorriu.

— Pior. Eu estive na festa a noite inteira…

— E o ator? — perguntou Sabina.

— Foi apanhado por uma russa.

Sabina protestou.

— Típico.

— Acordei na manhã seguinte e, claro, perdi a marcação por uma hora. Alguma vez adormeceste e chegaste tarde a um trabalho?

— Quase que não consegui fazer os exames do secundário porque a minha mãe não me acordou a tempo — disse Riley com seriedade.

Lucky acenou com a cabeça.

— Então conheces a sensação.

Decidiu omitir o facto de que também estava a tomar uma combinação de ecstasy, pó de anjo e cocaína, todos notoriamente difíceis de obter no Japão. Claro que Lucky, que era como um cão farejador, tinha conseguido arranjar umas doses.

— Quando acordei, tinha quinze chamadas da minha agente — continuou. — Voltei a ligar-lhe e ela exigiu saber onde estava, porque é que não atendi. De imediato, disse-lhe que acordei com conjuntivite. Não atendi o telemóvel porque não conseguia ver nada. É uma estupidez, eu sei, mas não estava propriamente em condições.

Cliff bufou.

— Ela acreditou em ti?

— Claro que não. Ela disse-me que eu precisava de uma justificação médica a confirmar que tinha uma infeção ou a agência despedia-me e eu teria de voltar para Nova Iorque. Quero dizer, que se foda! Mas, sim, eu estava a entrar em pânico. Decidi que só havia uma coisa a fazer: *apanhar* conjuntivite e depois ir ao médico.

— Espera — interrompeu Sabina. — O que é isso de conjuntivite? Apanhas no sexo?

Riley, que estava a beber um gole da sua bebida, engasgou-se silenciosamente.

— Só se o gajo falhar — disse Cliff.

Lucky deu-lhe uma palmada através da mesa, tocando nos olhos para mostrar a Sabina o que queria dizer.

— Ah, *conjonctivite*! — disse Sabina. — *Je comprends.*

— Não conseguiste chegar lá? — disse Cliff. — São praticamente a mesma palavra.

— Chiu — disse Sabina. — Para de te atirar a mim.

— Então — disse Lucky — o meu plano era mexer em todas as coisas sujas que conseguisse ver e depois tocar no meu olho. Claro que, como Tóquio é notoriamente limpa, isso não era fácil. Felizmente, eu estava a viver com doze modelos absolutamente nojentas. O balcão gorduroso da cozinha? Ótimo. A tampa da sanita? Perfeito! O rabo de um dos seus cães feiosos e pequenos? Ok, deixa-me dar-te um miminho.

— Que nojo! — gritou Riley, claramente encantado.

— Cheguei ao médico e os meus olhos estavam, como podem imaginar, bastante vermelhos devido a toda esta atividade. O médico mal olhou para mim. «Do que precisa?» Disse-lhe que precisava de um atestado médico para o meu trabalho. Ele deu-me um papel e fui-me embora. Fácil. Telefonei à minha agente para lhe dizer que tinha o atestado. «Isso é ótimo», disse-me. «Mas eu sempre soube que estavas a mentir, por isso disse ao cliente que estavas a viajar e que o teu voo se atrasou. Disseram-me que podes vir amanhã. Por isso, um final feliz, certo?» Nessa noite, fui para a cama a horas. Acordei cedo e… estava com uma infeção ocular.

— *Mais non!* — gritou Sabina.

— *Mais oui*, caralho! — gritou Lucky.

Duas francesas de meia-idade, que estavam numa mesa ali ao lado, olharam para ela e franziram o sobrolho. Lucky acenou-lhes alegremente.

— Então, basicamente — disse Cliff — estavas fodida.

— Exatamente. Os meus olhos estavam completamente vermelhos e inchados. Perdi a sessão fotográfica. Perdi o cliente.

— A tua agência despediu-te? — perguntou Riley.

— Quase. — Lucky acenou com a cabeça. — Colocaram-me de castigo. Mas algumas semanas mais tarde, encontrei o editor da Vogue Japão numa festa. Sabem que ele tem um grande sentido de humor, e por isso contei-lhe a história. Gostou tanto que acabou por

me contratar umas semanas mais tarde. Foi uma espécie de lançamento da minha carreira editorial.

— Tu tens uma sorte do caralho — disse Cliff, abanando a cabeça.

— A Lucky é como um gato — disse Sabina. — Ela tem sete vidas.

— Os teus pais sabiam bem o que estavam a fazer quando te deram esse nome — disse Riley.

— Os meus pais não sabiam nada — disse Lucky e acendeu outro cigarro. — E continuam sem saber.

O silêncio abateu-se sobre a mesa. Com o fim da história, a maré negra de tristeza que ameaçava a cada momento puxá-la para baixo voltou a aparecer. Não queria pensar nos pais, na Nicky, em nada fora daquela pequena mesa de café, mas a sua família estava sempre ali, pronta a impor-se na sua mente.

As suas irmãs eram mais tolerantes, mas Lucky sabia que elas tinham um mau pai. Certamente não eram as únicas. Em toda a sua vida, provavelmente só tinha conhecido meia dúzia de pessoas que tinham bons pais. Todos elas eram estranhas. As crianças que cresceram com pais amorosos tinham a mesma suavidade brilhante que as crianças criadas em lugares como Malibu, cheio de lares rodeados de sol eterno. Nunca tiveram de enfrentar adversidades que os obrigavam a tornar-se mais fortes. Lucky tinha esta teoria de que ter um mau pai era como crescer num lugar com um inverno longo e rigoroso. Torna-te mais forte. Também é uma preparação para a realidade, de que o verão é uma estação, não um estilo de vida, e a maioria dos homens irá magoar-te se lhe for dada essa oportunidade. Ou talvez só as pessoas que cresceram com maus pais é que acreditavam nisso.

O mais engraçado no seu pai era que ele não era frio, ou pelo menos nem sempre. *Mercurial* era como ela o descreveria. Muda como o clima. E, tal como o clima, tinha de ser examinado regularmente para conseguirem antever que tipo de dia é que iriam ter. Lucky e as suas irmãs conseguiam perceber o seu humor pela forma como fechava a porta da frente. Tal como não se faz um piquenique durante uma tempestade de granizo, não se pode fazer certas coisas perto de um pai zangado. Não podiam discutir por causa do comando, não podiam falar alto com os amigos ao telefone, não podiam chorar por causa de uma má nota, não

podiam rir por causa de uma piada parva, não podiam choramingar para a mãe sempre que tinham fome. Ele era o único homem na casa, mas também era a casa. Viviam dentro dos seus humores.

Lucky herdou-lhe os olhos azuis e o cabelo claro, mas ela gostava de acreditar que as semelhanças acabavam aí. Ele era um escocês-americano de terceira geração com o tipo de infância dominada por freiras que, como ele dizia, fariam de qualquer pessoa um bom ateu. Adorava ler, mantendo o hábito de ler um livro por semana até começar a beber, mas a sua verdadeira religião era o desporto. Futebol, boxe, golfe, ciclismo — assistia a tudo. Tal como Bonnie, sentia-se mais à vontade com o seu corpo do que com a sua mente. Deveria ter sido um atleta profissional e chegou a ir para a faculdade com uma bolsa de estudos de futebol americano, mas uma rotura no tendão da perna fez com que acabasse por aceitar um emprego num banco regional após a licenciatura, no qual trabalhou o resto da sua vida. Por mais bêbado que ficasse, ou por mais vezes, ia sempre a horas para o trabalho. Foi por isso que a sua mãe nunca conseguiu admitir que ele tinha um problema. Que tipo de alcoólico mantém o seu emprego durante todos estes anos? O pai delas, ao que parece.

Era fácil para Lucky dizer que tinham um mau pai. Difícil era admitir que a sua mãe também não era assim tão boa. Cresceu numa propriedade em ruínas em Sussex, filha única de uma mãe depressiva e de um pai bêbado e cruel, que eram aquela combinação peculiarmente britânica de classe alta e totalmente falidos, «posh but not flush», como dizia a mãe. O avô delas esbanjou a maior parte da herança na altura em que a sua mãe atingiu a adolescência. Mesmo depois de conhecer e casar com o pai delas, a mãe manteve um profundo e permanente desprezo pelo sistema de classes britânico de que tinha escapado.

Havia muita coisa sobre a vida da mãe delas que não era conhecido, mas o que Lucky sabia era que a sua mãe tinha saído, infeliz, da casa onde cresceu e daquele país miserável, como lhe chamava, assim que pôde. Aterrou em Nova Iorque e começou a trabalhar numa galeria no centro da cidade. Nessa altura, tinha um cabelo ruivo sedoso até à cintura e um belo rosto em forma de tulipa. Afirma que foi contratada principalmente para ficar na montra com uma minissaia para atrair

homens ricos à galeria, mas também tinha um olho perspicaz para os jovens artistas, convencendo os seus superiores a comprarem uma série de peças iniciais de pintores que eram hoje mundialmente famosos.

Se a mãe não tivesse tido filhos, Lucky tinha a certeza de que ela poderia ter sido diretora de uma galeria ou uma curadora famosa, mas abandonou esse sonho após o nascimento de Avery. Depois, quando Avery tinha quinze anos e Lucky oito, a mãe voltou a trabalhar como guia num museu, encarregando a mais velha de cuidar das restantes. Dizia que precisavam do dinheiro, o que era verdade, mas provavelmente ganhava menos por hora do que uma das irmãs ganharia a fazer de *babysitter*. Na maioria das vezes, ela estava farta de ser mãe, uma responsabilidade que Avery assumiu estoicamente no seu lugar. Lucky detestava admiti-lo, mas Avery era uma melhor mãe do que a maioria das pessoas, o que não significava que tivesse planos para lhe telefonar naquele dia.

Atirou a cinza do cigarro para o cinzeiro e expirou. Queria encontrar um alçapão na sua mente e desaparecer por ele, para o lugar onde as memórias já não a podiam alcançar, e só conhecia uma maneira para o fazer. Empurrou o copo de cerveja vazio para longe e lançou o seu sorriso matreiro aos amigos.

— Vamos beber algo mais forte?

Lucky voltou para o atelier através de ruas cinzentas como se fossem pinturas impressionistas diante dos seus olhos. Tinha pensado vagamente em foder o Riley na casa de banho, mas ele parecia ser do tipo que se apegava, por isso tomou a decisão extremamente responsável de ir à prova a horas. Desviou-se de um cão e tropeçou, as pontas dos dedos a tocar no passeio, depois endireitou-se. Estava só um bocadinho bêbada. Para ela era uma satisfação saber que conseguia aguentar o álcool melhor do que qualquer homem. Certamente melhor do que Cliff, que ela tinha deixado a cantar uma emocionante versão à capela de «Imagine» de John Lennon para uma Sabina confusa.

Quando Lucky abriu a porta azul de madeira, o pátio, antes calmo, estava cheio de atividade. Uma longa passarela branca tinha sido espalhada pelo centro do pátio de paralelepípedos, em torno da qual os trabalhadores estavam ocupados a desempilhar cadeiras, a colocar

cabos e a montar o fosso dos fotógrafos. Lucky sentiu a estranha colisão de mundos que se combinavam para criar o negócio da moda; esta multidão laboriosa de ajudantes iria realizar proezas hercúleas nas próximas horas, mergulhando depois para o backstage, como se nunca tivessem estado lá, para que uma Lucky coberta por seda e o seu gangue pudessem flutuar sobre um mar de espectadores preparados para observar as obras-primas.

Contornou um homem que transportava uma torre de cadeiras tão alta que poderia ser um número de circo e voltou a subir a vertiginosa escada em espiral. Tudo estava a girar quando entrou no atelier abafado. Uma onda quente de transpiração humana atingiu-lhe as narinas. Por cima de si, estava ligada uma ventoinha de teto de madeira ineficiente, que girava sem dispersar o calor da sala. Uma mulher que empurrava um varão de vestidos de tafetá cor de cereja passou por ela sem olhar para trás.

Lucky sentiu a cabeça a bater ao ritmo da ventoinha. Foi até à janela e inclinou-se para fora, respirando profundamente. O atelier dava para o pátio em baixo e Lucky concentrou a sua atenção na careca do homem que estava a polir a reluzente passarela branca. Tentou acalmar a sua cabeça acelerada enquanto olhava para a dele.

— Parece-te que vai chover?

Lucky virou-se para encontrar a estilista de há pouco, com o carrapito apertado e a fita métrica, a aproximar-se.

— Estamos todos muito preocupados com a chuva — continuou a estilista, retirando um alfinete de prata da boca.

Lucky voltou a pôr a cabeça de fora da janela para inspecionar o céu. Era cinzento à sua esquerda e azul pálido à sua direita.

— Cinquenta-cinquenta — disse Lucky.

As palavras pareciam pedaços de fruta aveludados na sua boca. A estilista fez uma pequena careta.

— *Alors*, anda aqui, por favor.

Lucky foi conduzida até a um canto ainda mais quente da sala, onde a sua vestimenta estava suspensa num cabide de veludo com uma Polaroid da sua cara colada no gancho. Era um vestido de baile com decote halter e uma saia larga com o formato de um copo de martíni virado ao contrário. O tecido era de um rosa-pálido trabalhado, como a parte de baixo

da pata de um gato. Ao longo do corpete artisticamente drapeado, uma rede de ramos de contas prateadas brotava com um relevo acompanhado por flores de cerejeira cintilantes. A estilista olhou para Lucky, expectante.

— Só os apliques demoraram trezentas horas — contou.

Mas Lucky estava demasiado ocupada a tentar despir as calças de ganga sem desmaiar para responder. Conseguiu tirar as calças e a t-shirt, e depois ficou a baloiçar em roupa interior, com um relaxamento natural que lhe tinha sido incutido desde o início da sua carreira como modelo. Qualquer que fosse a reação de alegria que a estilista esperava obter de Lucky, não iria acontecer. Ainda com as meias sujas, meteu-se no vestido rígido. Sentiu alguém a apertar-lhe os ganchos, o corpete a esmagar-lhe as costelas e a apertar-lhe a cintura.

— Lindo, não é? — disse uma costureira no seu posto de trabalho enquanto suspirava. — Tal como uma princesa.

Lucky emitiu um arroto suave.

— Os designers estarão aqui em breve para te ver — disse a estilista. — Mas, primeiro, deixa-me verificar os ajustes.

— Podes dar-me um pouco de água? — pediu Lucky, um pouco tonta.

Com um olhar intrigado, a estilista deu-lhe uma Volvic com gás e sabor a morango. Lucky deu um gole hesitante. Detestava morangos. Assim que as bolhas atingiram o seu estômago, soube que estava em apuros. Correu para a janela aberta quando uma corrente castanha de cerveja e vodka irrompeu de dentro de si, com o corpete a funcionar como uma espécie de bomba estomacal. O líquido sujo jorrava em ondas. Lucky olhou para o fluido e a bílis que acabara de evacuar, espalhados como um teste de Rorschach contra a passarela branca lá em baixo. O homem careca, que tinha observado minutos antes, olhava para ela com horror, tendo escapado por pouco ao dilúvio. Atrás de si, ouvia os gritos da costureira e da estilista que lhe imploravam para que não vomitasse no vestido. Lucky estava com metade do corpo para fora, o seu tronco pendurado no parapeito da janela. Pensou brevemente como seria bom ficar assim, no meio, nem aqui nem ali, para sempre, e depois limpou um fio de saliva azeda dos lábios. À sua frente, os telhados inclinados de Paris brilhavam com a luz. Pelo menos, o sol estava a aparecer.